

## Modos de existir e resistir, à margem: leituras possíveis em Jorge Amado

*Ways to exist and resist, on the margins of society: possible readings in Jorge Amado*

Pedro Dorneles da Silva Filho\*  
Universidade Federal Fluminense  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apontar chaves para a leitura de algumas produções de Jorge Amado, no recorte temporal de 1958-1988, a fim de identificar em que medida as personagens marginalizadas dessas obras operam, através de suas individualidades, transformações sócio-políticas nas comunidades ficcionais onde atuam. Essas figuras ex-cêntricas possuem corpos políticos que, na peculiaridade dos seus modos de existir no mundo, luzem resistências. Além disso, traçarei conexões entre a politização evocada nos textos amadianos, suas sugestões reflexivas e críticas, com demandas presentes ainda na agenda da sociedade brasileira e da produção literária contemporânea.

**Palavras-chave:** Jorge Amado. Modos de existir. Resistência. Microrrevoluções. Contemporaneidade

**Abstract:** The purpose of this article is to point out keys for reading some of Jorge Amado's productions, in the time frame of 1958-1988, in order to identify the extent to which the marginalized characters of these works operate, through their individualities, socio-political transformations in communities fictional where they work. These ex-centric figures have political bodies that, in the peculiarity of their ways of existing in the world, shining as a form of resistance. Besides that, I will trace connections between the politicization evoked in Amadian texts, their reflective and critical suggestions, with demands still present on the agenda of Brazilian society and contemporary literary production.

**Keywords:** Jorge Amado. Ways of existing. Resistance. Micro-revolutions. Contemporaneity

### 1 PALAVRAS INICIAIS

O objetivo deste artigo é indicar apontamentos da construção de personagens no território ficcional de Jorge Amado que experienciam modos alternativos de existência e que se encontram à margem da normatividade calcada pelos códigos morais e de conduta. Além disso, pensarei em qual medida essas criaturas ficcionais podem figurar alternativas/saídas/possibilidades políticas, por meio de suas peculiares e desviantes formas de existir no mundo<sup>1</sup>. Nesse sentido, pensarei também as possíveis e pertinentes refrações dessa ocorrência dentro da cena contemporânea brasileira.

No interior da tessitura ficcional, a questão a ser investigada trata-se da possibilidade de ler os corpos dessas personagens como forças políticas individuais, as

\* \* Doutorando e Mestre pelo programa de pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói-RJ.

<sup>1</sup> O grupo lexical: desviantes/desvio/desviar aparecerá com constância no decorrer do artigo. Refere-se aos caminhos alternativos tomados pelas figurações marginalizadas presentes nas obras. Os desvios significam o estar fora das trilhas estabelecidas pelos códigos morais e de conduta da hegemonia conservadora. Considero, aqui, essas figurações como *corpos-desviantes*.

quais desestabilizam os centros de poder calcados na violência, na hostilidade, na imposição de regras e na exclusão. A proposta é desenvolver uma análise que contemple a articulação entre a complexidade da formação identitária das personagens do universo ficcional amadiano com o gesto político que essas existências podem figurar dentro da dinâmica social estabelecida nas narrativas. Para adentrar nessa discussão, acionarei, além da relação corpo, vigilância e punição, de Michael Foucault, noções do esteio teórico dos estudos culturais e do pós-colonialismo, pensando a figuração desses *corpos à margem* como contraposições ao discurso sócio-cultural hegemônico e homogeneizador, que aparenta estabilidade e ergue violências. Acessarei, no repertório teórico, as noções de identidade cultural como um processo complexo e móvel, cunhado por Stuart Hall; de ex-centricidade, trazida por Linda Hutcheon; a de agenciamentos culturais e nação como narrativa, de Homi Bhabha; algumas investidas sobre os espectros da colonialidade e do poder e as possíveis formas de resposta a eles, advindas da contribuição decolonial de Aníbal Quijano e a potência da luminosidade ínfima e dançante das existências-vagalumes, de Georges Didi-Huberman.

A obra de Jorge Amado reveste-se de representações de segmentos sociais marginalizados: meninos em situação de abandono, prostitutas, negros, trabalhadores oprimidos, vagabundos, yalorixás e babalorixás perseguidos, saveiristas, pescadores, imigrantes, capoeiristas, cantadores de poesia popular, entre tantos outros.

Delimitei, porém, para compor o *corpus* literário, alguns exemplos da produção de Jorge Amado pertencentes ao recorte temporal entre 1958-1988; ou seja, pós-publicação de *Gabriela, cravo e canela*. Há, inegavelmente, um elemento comum entre as personagens marginalizadas desses textos: elas configuram saídas-alternativas que resistem ante a opressão dos centros de poder, através de sua corporeidade ficcional e vivência de seus desejos. Contudo, esses modos alternativos de existir, com seus gestos desviantes, resguardam peculiaridades. Analisá-las oferece uma visada de que não existe uma espécie de essencialidade para definir as figurações marginalizadas; ou seja, existem nuances significativas entre esses modos de existir e resistir.

Outro ponto fundamental nessa proposta é pensar o *como* e o *por que* (re) ler Jorge Amado nesses nossos tempos. O que pode dizer sua obra no atual cenário político, social e cultural de um país no qual se erigem bandeiras da extrema direita, obnubilando as radiosas possibilidades democráticas de se efetivar a cidadania? A fim de propor uma discussão acerca da atualidade e da força ressonante da obra amadiana, desenvolverei leituras de uma possível relação entre figurações da margem, presentes no universo criativo-ficcional do autor baiano, com os segmentos sociais minoritários do Brasil atual e seus discursos de reclame por equidade de direitos, visibilidade e acesso aos componentes fundamentais de cidadania.

Assim, proponho um gesto de disposição em ler os textos literários de Jorge Amado como significativo material onde residem representações de mecanismos de defesa e de possibilidade de inscrição autêntica no mundo, através de (r) existências que espelham e inspiram as resistências na cena sócio-política e cultural da realidade brasileira de hoje.

## 2 ABASTECIMENTOS TEÓRICOS E ARTICULAÇÕES COM O *CORPUS* LITERÁRIO

Homi Bhabha (1998) define que toda nação é composta pelas narrativas feitas sobre ela, narrar uma nação consiste em um gesto pedagógico, em que imagens (imaginação) são estipuladas como representativas, como símbolos paradigmáticos; entretanto, olhares outros, de perspectivas excluídas, marginalizadas, fora dos centros de poder, despontam para “rasurar”, “borrar”, “questionar” esse discurso fundacional. Essas narrativas fora do repositório hegemônico são chamadas pelo autor de *contra-narrativas* ou *narrativas performativas*.

Segundo Bhabha (1998, p. 209), “o pedagógico funda sua autoridade narrativa em uma tradição do povo”, enquanto o performativo “intervém na soberania da autoeração da nação, ao lançar uma sombra entre o povo como “imagem” e sua significação com um signo diferenciador do Eu, distinto do Outro ou o Exterior” (BHABHA, 1998, p. 209).

Existem símbolos de brasilidade, por exemplo, que há muito são comungados e estabelecidos como “oficiais” da identidade cultural brasileira. Diversos discursos (narrativas) ainda *se empenham*<sup>2</sup> para confirmar tais símbolos: sejam eles discursos literários, midiáticos, políticos, cotidianos; enfim, discursos que circulam e vão tornando cada vez mais espessa a camada identitária, considerada base da nossa caracterização.

Outros discursos, todavia, também literários, midiáticos, políticos e cotidianos têm contribuído para amolecer essa espessa camada identitária consagrada. São esses discursos (*contra-narrativas*) que relativizam as fronteiras da representação identitária e configuram outros modos de se inscrever no mundo.

Na armação ficcional das obras amadianas, por exemplo, as personagens representativas de segmentos sociais marginalizados nos convocam a partilhar da perspectiva complexa e dinâmica das margens, em suas experiências tensionais com a nação. Essa, por seu turno, consiste em um monolito calcado em determinadas regras rígidas e valores morais. Se a realidade brasileira exclui certos grupos sociais dos centros de poder e procura silenciar suas vozes, na ficção amadiana essas critaturas, representadas pelas personagens, encontram espaço de fala e acabam, por meio de uma linguagem

---

<sup>2</sup> O termo “empenham” advém das pertinentes observações sobre construção e *descentramento* da identidade cultural brasileira, feitas por Renato Cordeiro Gomes no texto “Herança, espectros, resíduos: imaginar a nação em tempos heterogêneos”, in: *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*, de Beatriz Resende e Ettore Finazzi-Agró (orgs.). “É lugar-comum na historiografia da literatura e da crítica brasileiras afirmar o empenho (uma literatura empenhada, uma cultura empenhada) de nossas letras na busca de uma identidade cultural da nação. O processo de diferenciação cultural da nação relaciona-se a formas de representação que ganham função político-ideológica como traço articulador do projeto histórico de constituição dessa identidade.” (GOMES, 2014, p. 39). Vale ressaltar que essa formulação de Renato Cordeiro Gomes é tributária à análise feita por Antônio Candido, em *A formação da literatura brasileira*, situando o Romantismo (século XIX) como momento mais expressivo da literatura e da cultura, no empenho de se formar uma ideia nacional.

peculiar, revelando seus repertórios culturais, sociais e memorialísticos para nos apresentarem rotas alternativas para sobreviver à nação.

Amparado em algumas das noções desenvolvidas por Michael Foucault acerca do controle social dos corpos, em *Vigiar e punir*, podemos repousar a ideia de que a existência dos corpos femininos dentro da trama de *Gabriela cravo e canela*, por exemplo, são reguladas pelos violentos parâmetros hegemônicos do patriarcado. A primeira imagem do romance supracitado consiste no episódio do feminicídio da personagem Dona Sinhazinha que, ao realizar-se sexualmente em situação extra-conjugal, é assassinada a tiros para lavar em sangue a honra do marido traído, o coronel Jesuíno Mendonça. Afinal, “honra de marido enganado só com a morte dos culpados podia ser lavada. [Essa lei] vinha dos tempos antigos, não estava escrita em nenhum código, estava apenas na consciência dos homens.” (AMADO, 1998, p.13).

Na perspectiva foucaultiana, até o século XVIII, as formas de transgressão das leis eram reprimidas através de medidas rígidas de punição. Os corpos marcados dos condenados era o lugar mais acessível para se exprimir o poder dos soberanos; ou seja, nas marcas brutais das penalidades (e muitas das vezes até mesmo em execuções) era onde se legitimava esse poder.

A cena supracitada em *Gabriela*, apesar de ambientada ficcionalmente na cidade de Ilhéus-BA de 1925, exemplifica as práticas de extermínio que Foucault aponta como predominantes até o século XVIII, na Europa, até porque só foi possível a personagem, o coronel Jesuíno, manter sua moral e respeito na cidade, depois que varou a balas os corpos da esposa adúltera e de seu amante, o jovem odontologista Osmundo.

Foucault aponta, entretanto, que ao longo das décadas da história ocidental, essas práticas (mutilações, decapitações, execuções) passam a ser menos comuns e abrandadas por outras maneiras – não menos eficazes – de regular e condenar socialmente os corpos. É nesse sentido que penso a representação dos corpos regulados/vigiados dentro da trama.

[...] os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão. (FOUCAULT, 2009, p. 27).

A fim de melhor articular essa proposição cunhada por Foucault com a obra de Jorge Amado, recorro à imagem da imobilidade de Gabriela dentro dos sapatos de mulher casada, “mulher da sociedade”. Seus passos claudicantes na estrada da normatividade traduzem sua impossível inserção naquela lógica de mundo, na qual a existência feminina era integralmente regulada pela vigília punitiva do patriarcado. Gabriela decide, então, a não ser um corpo tão dócil, no sentido de se deixar dominar pelos códigos de conduta já estabelecidos.

Gabriela figura, portanto, mais do que simples objeto de desejo: é sujeito desejante, dona de suas próprias escolhas, desejos, impulsos e vontades. Torna-se, a seu modo, corpo autenticamente desviante da haste dos violentos valores que sustentavam a

sociedade comandada pelos coronéis do cacau. Sua singularidade reside justamente no *modo de vida* que adota para existir no mundo. Sendo assim, a própria existência da personagem consiste em seu gesto político. As formas de controle impostas sobre seu corpo são, dessa forma, transgredidas por ela.

Mesmo em seu caráter subjetivo, são gestos dessa natureza, realizados pelas personagens, que funcionam como forças políticas individuais capazes de deslocar certezas, verdades, valores e toda sorte de moralismos que sustentam as células sociais por onde transitam.

Em *Tocaia grande* (1994), apesar de fiel ao coronel Boaventura, de quem fora jagunço e homem mandado por muito tempo, a personagem capitão Natário da Fonseca gozava de certa liberdade a qual o permitiu empreender o crescimento de Tocaia Grande, enfrentando adversidades, porém, fazendo com que o simples ponto de pernoite de tropeiros se tornasse lugarejo próspero e muito admirado.

A autonomia de Natário da Fonseca pode ser notada em diversas passagens da narrativa, entanto, é expressiva nessa passagem em que recusa perpetuar a fidelidade ao filho do coronel, o descompensado e autoritário sucessor, Venturinha. Com essa atitude, Natário da Fonseca revela sua autonomia de escolha e faz de seu próprio corpo não mais uma extensão das posses de terras da família, mas sujeito capaz de sonhar, empreender e comandar suas próprias terras e, acima de tudo, direcionar seus próprios itinerários de vida.

— Gosto muito de Venturinha, quando cheguei na fazenda ele era menino pequeno. Mas é um gostar diferente do que eu sentia pelo coronel. O coronel me deu a mão, eu não passava de um perseguido da justiça. Agora só quem manda em mim sou eu, sou eu quem decide o que fazer.

— E Venturinha entendeu seu ponto de vista? Concordou? Soube que não.

— Não perguntei, não quis saber. Ele vai se meter na política, assumir o lugar do pai. Eu disse a ele que se algum dia precisar de mim pra se defender dos inimigos, basta mandar me avisar, ainda tenho boa pontaria. Mas empregado, ele fosse desculpando, nem dele nem de outro qualquer. (AMADO, 1994, p.382)

É importante destacar, contudo, que esses corpos marginalizados driblam as forças de poder, mas não estão integralmente resguardados de suas influências. Isso é preciso pontuar para não se criar a falsa sensação de que tais corpos configuram, no interior das narrativas, existências intocáveis e que consistem paradigmas estanques de transgressão. Mais tímido é o gesto, mais potente é sua força. São acenos de possíveis alternativas de existir e resistir. Cada qual com seu repertório de experiências vão fazendo suas danças de pequenas luminuras, como fossem vaga-lumes.

É sob as luzes desses ínfimos pontículos que referencio a metáfora dos vaga-lumes citada acima: advém da delicada e potente contribuição de Georges Didi-Huberman, em *A sobrevivência dos vaga-lumes*, da qual extraio algumas iluminações pertinentes para fundamentar minhas análises. Didi-Huberman persegue os rastros tremeluzentes das existências vaga-lumes que, em sua dança de iluminação ínfima, revelam a resistência.

Em 1941, no contexto em que reinava ainda o fascismo na Itália, Pier Paolo Pasolini (1922-1975), artista e significativo intelectual italiano, no auge de sua juventude, escreve uma carta a seu amigo Franco Farolfi, onde relata a experiência de uma noitada de descompressões ao lado de outros amigos. Ele conta que, ao descansarem despreocupadamente no alto de uma colina, de repente ouvem latidos de cães de guarda e são surpreendidos por “dois projetores muito distantes, muito ferozes, olhos mecânicos, aos quais era impossível escapar.” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.21) . Conseguem fugir e se esconder por entre arbustos, onde passam o resto da noite, descansam, até chegarem os primeiros raios da aurora, dentro dos quais o jovem Pasolini se despe integralmente e dança uma dança de liberdade, de autenticidade, uma dança-vaga-lume, todo iluminado de vida/sobrevivência.

Essa imagem descrita na carta fora acionada pelo próprio intelectual durante bastante tempo de sua trajetória de reflexões e é recuperada no trabalho de Didi-Huberman, para pensar os modos livres e luminosos de ser, estar, resistir e seguir no mundo. O ponto central de sua reflexão é a permanência ou desaparecimento dessas “existências vaga-lumes”.

O próprio Pasolini passou a desacreditar na possibilidade de permanência desses seres e de suas luzes, afirmando terem sido essas existências subtraídas pela reformulação do fascismo na Itália; entretanto, Didi-Huberman anota que:

[...] seria bem mais justo dizer que eles [os vagalumes] se vão, pura e simplesmente. Que eles desaparecem apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é lugar para vê-los. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 47).

Nesse sentido, entendo a necessidade de ler essas “existências vaga-lumes”, dentro do universo ficcional de Jorge Amado, como permanentes potências de politização em sua obra, e que precisam de espectadores atentos para decodificar essas potencialidades. Para tanto, a seleção dos romances pertencentes ao recorte temporal 1958-1988 funciona como maneira de desenvolver uma perspectiva mais expandida do que aquela endossada por boa parte de sua fortuna crítica, quando se referem às obras pós-*Gabriela*. Avaliações essas, um tanto quanto reducionistas e detratoras.

Para ficarmos em apenas três ocorrências, menciono a avaliação crítica de Alfredo Bosi em *Historia concisa da literatura brasileira* (2004), que define esse momento da produção amadiana como um repositório de “crônicas amaneiradas de costumes provincianos” (BOSI, 2004, p.406) e uma sugestão de um amortecimento das discussões políticas. Malcom Silverman, em *Moderna ficção brasileira* (1978), assim como Wilson Martins, em *Comédia baiana* (1972), categorizam o momento pós-*Gabriela* como “uma literatura apolítica”.

Endossa-se e pulveriza-se uma divisão didática, binária e redutora da obra de Jorge Amado. Dividem-na em duas fases: enquanto a primeira – que compreenderia os romances da década de 1930 e 1940 – é considerada uma literatura panfletária, de alta voltagem política e associada ao partidarismo comunista, a segunda fase consistiria em

uma produção tematicamente mais amena, “apolítica”, uma mera produção de “crônicas de costumes baianos”.

De fato há uma explicitação maior do tratamento político conferido pelo autor na ficcionalização de temas sócio-políticos nas obras pertencentes aos seus primeiros momentos de produção, porém, isso não significa dizer que a partir de 1958, com a publicação de *Gabriela*, apesar de uma inegável e significativa mudança na maneira de tematizar as questões sócio-políticas, Amado tenha abandonado o tratamento politizado e revelador dos desajustes da sociedade brasileira.

Pelo contrário, sua obra permanece concatenada às diversas questões sócio-culturais do país. De maneira menos polarizada e mais flexibilizada, continua a ficcionalizar temas que revelam o seu ainda inconformismo ante os descaminhos por onde a sociedade brasileira insistira em trilhar. A virada que ocorre na escrita de Amado é o modo de politização que passa a adotar.

O jovem Jorge Amado da década de 1930 denunciou em suas obras as tensões políticas entre as forças nacionais hegemônicas e os sujeitos excluídos por esse sistema continuador de colonialidades<sup>3</sup>, mostrando-se inconformado diante das injustiças sociais. Desenvolveu, pois, uma literatura-reclame, cuja bússola era a revolução: greves, protestos, tomada de consciência política, solidariedade e multidões se corporificaram nas narrativas amadianas para reivindicar seus direitos e vislumbrar a utopia de dias melhores.

A partir de 1958, todavia, o modo de ficcionalizar os gestos políticos passa para o plano das existencialidades individuais. Os corpos das personagens à margem são a própria revolução, em um gestual mais individualizado e subjetivo, mas que opera a transformação social e política. Os modos alternativos de existência nas margens revelam-se como potências de transformação efetiva e, assim sendo, acabam por borrar os limites impostos pelas grandes forças de poder. A potência está no molecular, nas microrrevoluções operadas pelos modos desviantes de ser e estar no mundo.

Assim, a politização ficcionalizada através das grandes revoluções, do marxismo, da transformação da sociedade pelos ideários utópicos e de cunho macro, cedem lugar às pequenas e não menos potentes forças de mobilização transformadora. Recorro a duas contribuições dos estudos amadianos para exemplificar essa visada: *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (1996), de Eduardo Assis Duarte, que investiga o entrelaçamento entre a criação estética e a abordagem político-ideológica presente nos romances da década de 1930 do romancista baiano, assim como a tese intitulada *Das possibilidades heterotópicas para uma experiência de liberdade - Um estudo do universo ficcional amadiano* (2017), de Antonio Carlos Monteiro

---

<sup>3</sup> O uso do termo *colonialidades* já antecipa a perspectiva teórica da qual farei uso logo em seguida aqui, a da *colonialidade do poder*, de Aníbal Quijano. A ocorrência do termo nesse trecho justifica-se pelo fato de as criações literárias de Jorge Amado repousarem sempre sobre os gestos de questionamento/tensionamento em relação às forças de poder presentes na sociedade brasileira, forças essas que configuram continuidades oriundas da nossa história colonial: as práticas de dominação política de grupos restritos, instauradoras da violência, da exclusão, desigualdade e precariedade social, experimentadas duramente pelos segmentos sociais marginalizados.

Teixeira Sobrinho, que procura mapear as possibilidades individuais/coletivas de experienciar a liberdade, presentes nos romances do autor, pós- *Gabriela*.

Se no primeiro trabalho mencionado, Eduardo Assis Duarte investiga a criação ficcional amadiana da década de 1930, definindo-a como criação literária ancorada na representação dos desajustes sociais do Brasil e destacando a necessidade de transformá-los/subvertê-los, através da revolução, mobilizados pela utopia; Antonio Carlos Sobrinho, vinte anos depois, ao debruçar-se sobre a análise das obras de Jorge Amado, a partir de 1958, identifica que as forças revolucionárias de liberdade expressam-se nos modos singularizados de existência, utilizando-se do conceito foucaultiano de heterotopia.

Em um tempo ou em outro, a estética amadiana imbrica-se ao tratamento político, ou mesmo está a seu serviço; o que indica ser a sua obra, panoramicamente, território fecundo onde está amalgamada a história política do Brasil, ficcionalizada de modos distintos, mas sempre ali; presente, resistindo e emitindo potentes sinais para lidarmos com/ultrapassarmos os tristes tributos que nos atravancam o caminho, até hoje, rumo ao desenvolvimento de uma efetiva democracia.

A chamada pós-modernidade ou *modernidade tardia*<sup>4</sup> trouxe para nós o desafio das reformulações conceituais de questões tidas, até então, como já estabelecidas. Dentre elas, a concepção de identidade cultural e o conceito de nação, dois pontos fundamentais que, revistos por lentes mais críticas, ganharam um significado outro. A ideia unívoca de nação, de uma identidade nacional fundada na perspectiva das *comunidades politicamente imaginadas*<sup>5</sup>, acaba por ruir ao longo do século XX, diante de tantos episódios desastrosos no curso da História como, por exemplo, as duas grandes guerras mundiais e o genocídio nazifascista, os quais serviram para revelar que a hipervalorização da identidade nacional pode estar intimamente associada à violência.

A noção de *identidade* do sujeito moderno, centrado, cartesiano, iluminista, que justificava sua existência no plano da razão, viu-se fragilizada e descentrada na *modernidade tardia*. Segundo Hall, alguns episódios foram fundamentais para esta mudança e, com isso, a ideia una de identidade, pré-concebida e imbatível, esvazia-se de sentido. Segundo Hall (2014, p. 11-12): “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelos quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”. Isso significa dizer que é na interpelação do “outro” que o “eu” se constitui, comporta-se, representa e age socialmente.

Assim, o sujeito na *modernidade tardia* passa por uma profunda crise diante de todos esses episódios e com isso se torna *descentrado*. Consequentemente, a ideia unificante de um grupo de indivíduos que se reconhecem por um conjunto simbólico, narrado pedagogicamente, também passará por essa mudança.

<sup>4</sup> Designação utilizada em HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

<sup>6</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das letras, 2008. Mais adiante, Linda Hutcheon utilizará o termo “pós-modernidade/ pós-modernismo”, mas opto pela designação usada por Hall.

A existência do outro, da diferença e a sua presença cada vez mais próxima exigiram que o “eu” esfacelasse suas certezas, suas verdades, suas incrustações legítimas e passasse a admitir que a identidade constitui-se em um processo móvel, sempre em construção, expectante de fatores circunstanciais e não da vontade raciocinada, processada e decidida pelo próprio indivíduo. A literatura, neste sentido, enquanto instância discursiva, começa a expressar esse *descentramento*, passando a narrar de maneira mais crítica, ampla e ressignificada as questões de identidade.

A fim de endossar este caráter descentrado do sujeito, é pertinente pontuar as contribuições da canadense Linda Hutcheon, em *A poética do pós-modernismo*, em especial, no capítulo quarto deste livro, “Descentralizando o pós-moderno: o ex-cêntrico”, no qual problematiza as condições dos sujeitos ocupantes e dos sujeitos não ocupantes dos centros de visibilidade e poder, nas narrativas humanas.

Assim como grande parte da teoria literária contemporânea, o romance pós-modernista questiona toda aquela série de conceitos inter-relacionados que acabaram se associando ao que chamamos, por conveniência, de humanismo liberal, autonomia, transcendência, certeza, autoridade, unidade, totalização, sistema, universalização, centro, continuidade, teleologia, fechamento, hierarquia, homogeneidade, exclusividade, origem. No entanto, conforme tentei mostrar, questionar esses conceitos não significa negá-los- mas apenas indagar de sua relação com a experiência. (HUTCHEON, 1991, p.84)

No trecho supracitado, Hutcheon aponta que a intenção dessas figurações e de suas narrativas não é a disputa pelos centros de poder, mas sim, a possibilidade de **questionários** e, em alguma medida, sublinhar a presença dessas narrativas/experiências/existências que não comungam plenamente com os códigos já estabelecidos; ou seja, a lógica unilateralista é interpelada e arranhada a todo instante por essas existências as quais a autora designa como *Off-centro/ex-cêntricos*: grupos e vozes marginalizados, de fora do centro, que começam a se inscrever através do reclame pela sua visibilidade.

Neste sentido, penso justamente numa produção literária como a de Jorge Amado, que representa certos grupos sociais marginalizados que se relacionam e tensionam-se, no interior das tramas, com as figuras que pertencem aos centros de poder. A potência da presença do ex-cêntrico na obra amadiana acaba por explicitar a permanente politização de seu olhar acerca da sociedade brasileira.

Ao pensar a condição subalterna, marginal e ex-cêntrica dessas figurações das obras amadianas, por conseguinte, penso nas estruturas de poder que as relegam/empurram para tal condição. Se há a margem, há o centro. Deste modo, torna-se imperativo pensar os sustentáculos que erguem as forças hegemônicas. Para isso, calço-me de contribuições teóricas decoloniais, sobretudo as de Aníbal Quijano, que teorizou sobre a *colonialidade do poder*.

Antes de tudo é importante dizer que os estudos culturais, os estudos subalternos, os estudos pós-coloniais e os estudos decoloniais são escolas específicas e que reservam suas singularidades históricas, temáticas e motivacionais. As razões e os contextos que levaram o surgimento de cada uma delas são muito pontuais e seus motes de investigação, por conseguinte, também são próprios; contudo, é bastante fecundo pensarmos possíveis

entrecruzamentos de conceitos e visadas entre essas áreas que, de fato, trazem pontos em comum em seu bojo.

A urgência do surgimento dos estudos decoloniais de pesquisadores latino-americanos se dá pelo fato substancial de inscrever a perspectiva/vivência das ex-colônias e as sequelas deixadas pela maquinaria colonialista. As velhas estruturas coloniais e artimanhas políticas atualizadas nas repúblicas, as relações hierárquicas de poder, os abismos sociais, a concentração de riquezas restrita a grupos poderosos, os projetos genocidas para o extermínio de grupos sociais subalternizados, entre tantos outros aspectos acabam por expressar, assustadoramente, a permanência da força que a colonialidade suplantou em nossa lógica de ver, viver e pensar o mundo.

O discurso eurocêntrico e de superioridade das metrópoles/potências – econômica, política, social e cultural – apesar de arranhados pelas resistências de outros grupos humanos, ainda exercem uma forte influência sobre nós. Esse fato, por seu turno, aponta para uma urgência de compreendermos como operam essas articulações de dominação, ainda hoje, seja no gesto mais genuíno, dentro do trato social cotidiano, seja nas megacorporações que decidem o destino das gentes.

Os estudos culturais, assim como os estudos pós-coloniais, foram uma resposta inconformada às forças hegemônicas calcadas na tradição do poder. Os grupos humanos subalternizados passaram a repensar as noções de cultura, identidade, traduções culturais, tensionamentos interculturais, entre outros aspectos, em um contexto pós-colonial, reivindicando não o próprio centro de poder, mas simplesmente a possibilidade de entoar de maneira autêntica suas existências no mundo.

Pensar questões do tipo: pode um homem jamaicano, radicado na Inglaterra, fomentador do pensamento crítico acerca de cultura, questionar a unívoca narrativa da tradição, através de suas reflexões? Esse foi Stuart Hall. Pode um indiano, em condições similares, debater e apresentar outras saídas para essas narrativas e vivências unívocas da nação? Esse é Homi Bhabha.

Fico nesses dois exemplos para argumentar a importância desses corpos, de suas vivências e contribuições teóricas, na desarticulação das sólidas noções de unidade que há tanto vinham se perpetrando nos corredores da história oficialmente narrada acerca das nações e seus grandes feitos de poder. Tais gestos são deveras significativos, entretanto, devemos atentar que as reflexões desses autores são em grande parte abastecidas pela produção intelectual europeia, e a própria radicação deles nos centros de poder acaba por tornar experiências diferentes das de um teórico escrevendo, vivenciando e negociando culturalmente com as estruturas de poder na própria ex-colônia, como Aníbal Quijano.

Nesse sentido, a proposta decolonial não chega na seara dos estudos sociais para invalidar as contribuições precedentes dos estudos culturais nem dos estudos pós-coloniais, mas para abrir uma chave epistemológica significativa que diz respeito sob qual perspectiva se pensam as relações sociais, políticas, culturais e econômicas experienciadas nas ex-colônias. Assim, abre-se um caminho para as vozes intelectuais de dentro da própria ex-colônia falar sobre as estruturas de poder que ainda permanecem atuantes e incisivas. Aníbal Quijano nos aponta que:

[...] todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento. (QUIJANO, 2005, p. 121).

Essa percepção revela que o colonialismo deixara raízes/sequelas de sua colonialidade não só nas relações de poder sócio-econômico, mas também criou uma rede de significados, discursos e práticas culturais que orientam nossas relações sociais até hoje. O velho projeto colonialista de dominação perpetua-se sob outras formas mais complexas e arraigadas. As hierarquias sociais, as valorações atribuídas a diversos elementos da vida, os projetos de felicidade, a construção moral, as intersubjetividades, enfim, são guiadas por um domínio introjetado há séculos e que faz com que não consigamos nos desvencilhar efetivamente de uma dominação colonial. Não colonialista, mas de colonialidade. Sendo esse último, um modo de vida estruturante, diluído em boa parte de nossas ações e noções sobre o mundo.

Valendo-me dessa percepção, pensarei como se erguem as estruturas de poder, os valores morais e as intersubjetividades dentro das narrativas ficcionais de Jorge Amado. Quais os modos de resistência a eles? Como as criaturas amadianas podem configurar desvios do caminho traçado pela lógica da colonialidade? O que a leitura dessas existências desviantes podem nos dizer na contemporaneidade? Essas inquietações mobilizam minhas leituras das obras de Amado, a fim de identificar pontos de luz, ainda que muito ínfimos, de modo a vaga-lumes, para iluminar as percepções e ver o quanto foi e ainda é possível a resistência.

Os *modos de existir, à margem*, prenunciados no título, reportam-se às formas peculiares de ser e estar no mundo representados por essas criaturas ficcionais de Jorge Amado. Portanto, ao analisá-las, serei conduzido principalmente pelas luzes dos vagalumes de Didi-Huberman e também por algumas contribuições, como a de Alexandre Faria, João Camillo Penna e Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, em *Modos da margem: figuras da marginalidade na literatura brasileira*, rico material de ensaios críticos, cuja proposta é analisar obras em que se desloca a perspectiva do olhar eurocentrado, para vozes que emergem das narrativas e que buscam se inscrever no mundo por meio de suas particulares formas de (r) existir em um mundo marcado pela desigualdade e exclusão.

Ao prefaciá-lo esse material supracitado, Silviano Santiago, em um texto intitulado “Crítica de mutirão”, apontou que:

Ao desencapar o fio histórico da margem, o narrador/lavrador curto-circuita todo sistema elétrico da atualidade brasileira e coloca a ferramenta de trabalho a serviço do futuro. Reivindica e cria condições melhores de vida para os vindouros. Assim a utopia — indiscriminada e completamente preenchida pelo desejo de vida mais equilibrada para um e para todos — arriba ao presente pelas mãos da arte. (SANTIAGO, 2015, p.15)

Fica evidente que Silviano Santiago reporta-se ao movimento de intervenção política operado pela literatura contemporânea marginal, alvo das análises dos ensaios reunidos no material que ele está apresentando. Segundo ele, o trabalho dessa literatura é “curto-circuitar” o sistema elétrico da atualidade brasileira a fim de engendrar um futuro mais digno para as existências que vivem à margem dos centros de poder. Ao se referir ao movimento realizado por essa modalidade artística, leva-me a pensar na correspondência existente entre esse gesto e a produção literária de Jorge Amado. Reservadas suas peculiaridades, a produção do romancista baiano assemelha-se significativamente com o intuito das narrativas ficcionais contemporâneas das margens, que agora não só representam as existências marginalizadas, mas se autorrepresentam no tecido ficcional de suas narrativas, até porque é das margens de onde se originam esses autores e de lá extraem material para se auto-declararem nos alto-falantes de suas produções.

Instrumentar a leitura das criações amadianas com as visadas críticas da análise da literatura contemporânea é um movimento crucial para pensarmos a atualidade que emana das narrativas do autor de *Gabriela*. Os mundos criados na ficção de Amado partem de uma realidade baiana, leia-se microcosmo do Brasil, por onde transitam figurações marginalizadas que vão nos noticiando suas (r) existências através de ranhuras promovidas na imagem aparentemente hegemônica da nação, movimento semelhante dos marginalizados representados nos contos de Marcelino Freire, das obras de Ferréz, de Paulo Lins, de Geovani Martins, de Conceição Evaristo, da poética de Elisa Lucinda e outros autores que tanto têm contribuído na cena literária contemporânea para nos apontar a urgência de subversão diante do quadro caótico da realidade que mobiliza suas produções.

A risada clara e farta, por exemplo, do personagem Pedro Archanjo de *Tenda dos milagres*, de Jorge Amado, após conseguir fugir da polícia, que desmanchou a pancada os afoxés, manifestação cultural afrodiaspórica da qual o personagem estava participando, assemelha-se com a sensação de alívio do menó que consegue fugir de uma dura da polícia, mentalizando Seu Tranca rua, entidade da umbanda, cuja característica principal é a astúcia, no conto “Rolezim”, de *O sol na cabeça*, de Geovani Martins.

Podemos notar, em *Gabriela cravo e Canela*, as relações entre corpo, poder, resistência e transgressão como gestos políticos, operados pelas individualidades de algumas personagens como: Malvina, Gabriela, Glória e Dona Sinhazinha. Tais figurações, todas elas, reservadas suas particularidades, motivações, vivências e modos de ver o mundo, acabam por subverter as expectativas programadas para a mulher naquele contexto social, regulado pelo coronelismo, fazendo de seus corpos um espaço não “dócil” e, portanto, não totalmente dominado pela força controladora dos ditames sociais dos bons costumes. Os valores morais limitantes para o exercício dos papéis sociais femininos são tributários a modos de ver e viver o mundo, erigidos pelo repertório cultural oriundo de elementos eurocêntricos/coloniais. As subversões dessas cifras, num contexto ficcional do início de século XX, 1925, que é quando se passa a narrativa de Gabriela, é capaz de dialogar com possíveis rotas alternativas que a mulher tem traçado na sociedade contemporânea, na corrida por sua inscrição efetiva no mundo e para o gozo pleno de seu poder de decisão.

Dona Sinhazinha morre pelas mãos do feminicídio, mas realizando-se sexualmente, podendo decidir vestir suas meias pretas no jogo de desejo e sedução, no leito com seu amante. Gabriela subverte a ordem de ter que se lavar a honra de homem traído com sangue, quando se realiza sexualmente com seu amante, mas permanece viva, admirando, amigada e gostando de Nacib. Malvina não sucumbe às ordens do pai coronel, argumentando seu mandonismo, questionando suas imposições e tramando fuga para realizar-se enquanto mulher, fora dos esquemas traçados para toda boa donzela, de família, comedida e do lar. Glória é teúda e manteúda de coronel, mas vive - como pode - sua paixão extra-conjugal com o professor e interfere financeiramente nas limitações sociais do amante. São tímidos gestos que parecem indicar o quanto é possível tangenciar outro itinerário que não somente o da dominação pré-estabelecida.

Em *Tocaia grande* (1979), a personagem Sia Leocádia decide realizar um reisado, manifestação cultural tradicional, intimamente vinculada a elementos judaico-cristãos. Encontra, porém, dificuldades de compor as figurações pertencentes a tal festejo, como, por exemplo, a presença das pastoras, pois nas terras de Tocaia Grande com quem mais Sia Leocádia poderia contar, senão com as prostitutas locais? Nesse momento, então, o tradicional festejo católico do dia dos santos reis é formado justamente por essas personalidades não tão aceitáveis socialmente. Os corpos dessas mulheres acabam por “borrar” os limites da tradição, tão calcada numa moral excludente; desestabilizando-a.

Justamente nessa passagem, ao falar do papel das prostitutas, o narrador enaltece a figura feminina fundadora do lugar, a personagem Jacinta Coroca, apontando para o fato da complexidade que compõe a figuração social que essa criatura possui no interior da trama. Além de prostituta, Jacinta é parteira, iluminação de vida, a modo vaga-lume, capaz de nos ensinar que ninguém melhor que “mulher da vida” para dar vida à esperança de dias melhores.

Em Tocaia Grande, como organizar os grupos de pastoras sem a participação das putas? Para começar, não havia no lugar donzelas em número suficiente para compor os dois cordões de oito pastoras cada um, e, em geral, as casadas ou amigadas apresentavam desculpas [...] o jeito foi recorrer às raparigas, mesmo porque em Tocaia Grande fazia-se impossível estabelecer limites entre elas e as famílias. Qual o ofício de Jacinta Coroca, diga quem for capaz, pelo amor de Deus: parteira ou mulher dama? Afamada em uma e outra ocupação, mãos de fada, xoxota de chupeta, ganhava o pão de cada dia na cama de campanha, jamais aceitara dinheiro e pagamento pelos partos. Aparara todos os meninos ali nascidos, inclusive os de Hilda, Fausta, Zeferina, sendo que a filha desta última, desovada na noite da enchente, recebera o nome de Jacinta em honra da comadre, em prova de gratidão. Quem tentasse vetar a presença das putas no pastoril de Tocaia Grande não botaria reisado na rua, para pagar o desaforo. (AMADO, 1994, p.361).

Em *Tenda dos milagres*, o antagonista, Nilo Argolo de Araújo, o professor de Medicina legal da Faculdade de medicina da Bahia, apresenta, enquanto homem notório da ciência, duas propostas de leis racistas, em nome da ilusória pureza étnica, que procurava sustentar ao longo de sua existência.

- Desta vez a besta do Nilo Argolo se excedeu. Imagine você que este trabalho se destina ao Parlamento para que dele nasça uma lei. Uma lei, não: um corpo de leis, ele não faz por menos. (...) Tal corpo de leis, a prever e ordenar quanto se relacionasse a negros e mestiços, centralizava-se em dois projetos fundamentais. O primeiro referia-se à localização e isolamento de negros e mestiços em certas áreas geográficas, já determinadas pelo professor Nilo Argolo: regiões da Amazônia, de Mato Grosso, de Goiás. Clichês de mapas estabelecidos pelo professor, reproduzidos no opúsculo, não deixavam dúvida sobre o inóspito das áreas escolhidas. Esse confinamento não possuía caráter definitivo, destinava-se a manter a “raça inferior” e a “sub-raça aviltante” apartadas do resto da população enquanto não lhes fosse dado definitivo destino. (...) O segundo projeto, de claríssima urgência, lei ou decreto de salvação nacional, proibira o casamento entre brancos e negros, entendido por negros todos os portadores de “sangue afro”. Proibição absoluta, capaz de pôr freio à mestiçagem. Assim, em breve resumo, despidos da linguagem castiça, “imeritadamente caídas em dessuetude”, projetos e teses parecem absurda loucura. Foram, no entanto, levadas a sério por articulistas e parlamentares e, por ocasião da Assembleia Constituinte de 1934, houve quem desentranhasse dos arquivos da Câmara as propostas na plaquete do professor Nilo Argolo: *Introdução ao estudo de um código de leis de salvação nacional*. (AMADO, 1979, pp.286-287)

A linguagem presente no trecho não realiza um alto trabalho de metaforização, tampouco outros mecanismos “sofisticados” da criação artística, tão exigidos e prestigiados pelos parâmetros (e valores) da crítica estética predominante no campo dos estudos literários. Ao contrário, a referencialidade impõe-se com grande força. Contudo, é através desse caráter constitutivo do texto que fica explícito o posicionamento racista da personagem e como seus projetos de leis - maneira de institucionalizar seu racismo – preconizavam o apagamento da presença negra como importante partícipe na formação da sociedade brasileira, sob a justificativa de se “salvar” a nação dos considerados entraves trazidos por esse grupo étnico.

A proposta defendida pela personagem, de isolamento e exclusão de negros e mestiços, diz respeito a quais lugares esses grupos étnicos podem e devem ocupar na sociedade. Como uma tentativa de regular, determinar, pré-definir essa ocupação, de modo a querer controlar essas existências. O que se revela absurdo no discurso da personagem, presentifica-se cotidianamente em práticas sociais da atualidade, na realidade brasileira.

São descabidas suas colocações, mas, infelizmente, dialogam com manifestações do racismo ainda tão fortemente expressas em nossa sociedade. O racismo, tal qual representado/denunciado na literatura de Jorge Amado, faz-se presente. Seja em ataques depreciativos nas redes sociais, seja nas estatísticas que apontam números irrisórios de ocupação negra em espaços e cargos de alto prestígio social e valorização econômica, seja na representação inferiorizante operada por alguns produtos culturais na maquinaria do entretenimento, ou sob outras tantas formas.

Assim, podemos verificar o quanto o romance levanta questões ainda tão pertinentes para as discussões acerca da relação etnicidade, discurso e poder, tão presentes ainda na pauta da sociedade brasileira. Ainda em *Tenda*, quero chamar a atenção para uma cena específica de afirmação da identidade negra, em que centralmente figura a

personagem Tadeu Canhoto, engenheiro formado pela Faculdade de Medicina, de menino pobre a doutor, criado nas ladeiras da velha cidade da Bahia.

Faz-se presente o tom de denúncia no romance amadiano e a explicitação daquilo que ocorre com o negro na sociedade brasileira, no momento em que Tadeu é rejeitado pela família de Lu, sua pretensa namorada, e responde às ofensivas que lhe são desferidas. O irmão da moça estudava na faculdade juntamente com Tadeu, que sempre o ajudava nas matérias, pois Tadeu destacava-se nos estudos. Com isso, o negro passa a frequentar a casa do amigo e lá conheceu Lu, por quem se apaixona. Ao se formar efetivamente engenheiro, Tadeu resolve pedir a mão da amada para a família, liderada por um coronel branco e racista. A denúncia operada no texto é explícita. Vejamos:

Foi tal a surpresa inicial do fazendeiro que não só leu a carta até o fim como escutou sem interromper as breves palavras complementares do engenheiro:

-... Pedir a mão de sua filha Lu.

(...) O fazendeiro dirigiu-se a Tadeu:

- O senhor abusou da confiança que lhe depositamos. Por ser colega de meu filho, nós o recebemos em casa sem levar em conta sua cor e sua procedência. Dizem que o senhor é inteligente, como então não se deu conta de que não criamos filha para negro? Agora saia e não volte nunca mais a essa casa, se não será posto na rua a pontapés.

- Ainda bem que o defeito de que me acusa é somente a minha cor.

- Saia! Rua! (AMADO, 1979, pp. 253-254).

A presença do discurso racista é evidente na fala do pai da moça, porém, a resposta de Tadeu rompe com o paradigma de silenciamento ou subserviência da representação do negro nas nossas letras. A dimensão do quão é insuficiente o argumento sobre o qual repousa a opinião do pai e a exteriorização dessa consciência através da resposta de Tadeu, marca a resistência, pela fala, dessa figuração do negro no interior do romance. Isto é, não basta o personagem negro ter a consciência de que o rebaixamento do qual sofre pelo discurso racista é algo absurdo, é preciso externar essa consciência, empreendendo a demarcação de sua existência através da fala, agindo discursivamente como aquele que tem condições consistentes para rebater.

Posto isso, notamos a presença de uma representação étnica negra explicitamente afirmativa. Com voz, com demarcação de *locus social*, o que nos aponta que a obra amadiana está em sintonia com uma discussão ainda acesa na pauta atual: a luta contra o racismo.

É possível, desse modo, estabelecer conexões entre a obra de Jorge Amado não somente com a literatura brasileira contemporânea, mas também com tantas questões ainda presentes em nossa agenda, na própria atual conjuntura sócio-cultural do Brasil, interseccionando as experiências das personagens que foram e ainda permanecem sendo representadas nas letras, revelando, assim, modos de existir e resistir em um país marcado pelos abismos sociais. Talvez esse movimento de explicitação das resistências iluminadoras, presentes nas margens, possa ser uma maneira de vislumbrarmos, “pelas mãos da arte”, a utopia de termos uma sociedade efetivamente democrática e justa.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre a politização e a poeticidade, entre a estética e a ética, nestas clivagens, reside uma produção dialética, dual, movida de sangue e amor, de realismo e utopia/idealização, que é a obra de Jorge Amado. Reexaminá-la é o desafio que propõe este texto. É o desafio para o qual a própria obra nos convida. Daí sua atualidade, urgência, correspondência e força.

Apesar de parecer uma discussão já desgastada, o conceito de identidade e os elementos que o compõem ainda estão na pauta dos mais diferentes campos do saber. O que parecia estar mais flexível, aberto e poroso, tem retornado assustadoramente como um fechamento nodular na cena contemporânea. Afinal, o retorno ao conservadorismo impera nos principais centros de poder do mundo, como podemos verificar na construção de muros, dos corpos negros e periféricos assassinados diariamente, políticas de repressão ao “outro”, nos cortes indiscriminados de direitos conquistados no curso da história, por meio de tantas lutas, nos projetos genocidas, entre tantos outros fatos desastrosos.

É pertinente notificarmos o quanto a literatura amadiana faz sentido ainda hoje como documento/registo cultural de denúncia de um país que repete práticas de repressão, mas que também possui tantas vozes resistentes capazes de promover o questionamento/transformação em meio a espaços, posturas e circunstâncias adversas.

Dessa forma, e diante do colapso que temos vivenciado na cena política, social, cultural e econômica no Brasil e no mundo, é de alguma relevância reler a obra de Jorge Amado a partir de uma chave de leitura mais crítica e num gesto de maior disposição, haja vista que pode ser um caminho para pensarmos na potencialidade da palavra esteticamente trabalhada, a literatura, como um gesto político e de intervenção efetiva.

### REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- AMADO, Jorge. *Tocaia grande: A face obscura*. São Paulo: Circuito do livro, 1994.
- AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. (Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DUARTE, Eduardo Assis. *Jorge Amado: Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

MARTINS, Wilson. *Comédia baiana*. In: Vários autores, Jorge Amado – povo e terra, ensaios críticos. São Paulo: Martins, 1972. p.165-175.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-128, cap. 12.

SANTIAGO, Silviano. Crítica de mutirão. In: FARIA, Alexandre; PENNA, João Camillo; PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do (Orgs.). *Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

SILVERMAN, Malcolm. *Moderna ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

TEIXEIRA SOBRINHO, Antonio Carlos Monteiro. *Das possibilidades heterotópicas para uma experiência de liberdade – Um estudo do universo ficcional amadiano*. 2017. 288f. Orientadora: Ívia Iracema Duarte Alves; coorientador: Eduardo Assis Duarte. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2017.